

REVISTA MARACANAN

Dossiê

Lima Barreto: Nação e Raça em pontos de cor

Lima Barreto: nation and race in points of color

Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Recebido em: 08 set. 2022.

Aprovado em: 28 set. 2022.



* Professora associada do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora e mestre em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora do *Laboratório de estudos de literatura e cultura da Belle Époque* (LABELLE-UERJ). (carmemlucianegreiros@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-0873-7731>

 <http://lattes.cnpq.br/4315805106761582>

Resumo

Pretende-se apresentar os temas nação e raça presentes em textos escolhidos de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922). Sem reduzir a obra ao viés biográfico ou ao mero engajamento social, o artigo propõe o estudo das estratégias estéticas escolhidas pelo escritor para alcançar maior densidade e perspectiva crítica. O resultado está na realização estético-literária sofisticada e sutileza na abordagem dos temas. Assim, da crônica aos textos ficcionais o escritor mostra as nuances das representações do nacional, os debates teóricos sobre a ideia de raça como forte componente do discurso nacionalista; os dolorosos efeitos psíquicos do racismo, quer na exposição de seu próprio processo de aquisição da consciência negra, quer por meio das ações de seus personagens, iluminadas por muitos recursos, entre eles, o impressionismo literário.

Palavras-chave: Lima Barreto. Literatura. Raça. Nação. Impressionismo Literário.

Abstract

We intend to present the themes of nation and race in selected texts by Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922). Without reducing the work to biographical bias or mere social engagement, the article proposes to study the aesthetic strategies chosen by the writer to achieve greater density and critical perspective. The result is a sophisticated aesthetic-literary achievement and subtlety in the approach to the themes. Thus, from the chronicle to the fictional texts, the writer shows the nuances of the representations of the national, the theoretical debates about the idea of race as a strong component of the nationalist discourse; the painful psychic effects of racism, whether in the exposition of his own process of acquiring black consciousness, or through the actions of his characters, illuminated by many resources, among them, literary impressionism.

Keywords: Lima Barreto. Literature. Race. Nation. Literary Impressionism.

*"A pele fora nomeada, a existência ganhara
sobrenome"*

Jeferson Tenório, O avesso da pele (2020, p. 54)

A crítica literária, de maneira geral, projetou a obra de Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) em margens extremadas: ora no paradigma do engajamento social e político, ora no posto de testemunho e desabafo de vivências e dores. Em ambos os lugares, qualquer esforço de compreensão dos processos de escrita e criação é menosprezado. E o resultado está nas definições que mantêm os tons e cores próprios das classificações "desleixo", "revolta pessoal e ressentimento", "mau acabamento" para definir a sua produção literária. Como tratar da obra de um escritor que problematiza na própria forma, na elaboração de personagens, tramas, espaço e tempo – dos vários gêneros em que se expressa – as tensões e paradoxos do contexto social, histórico e político brasileiro?

O período entre as décadas finais do século XIX e as do início do século XX apresenta questões seminais da modernidade brasileira, entre elas, a busca de uma definição de nacional e de quem poderia figurar no espelho da brasilidade. No contexto de produção das obras do escritor carioca, o componente mais forte do discurso nacionalista girou em torno da ideia de raça, argumento pretensamente de saber técnico para justificar exclusão, violência, degradação. A ciência, por meio da medicina, ganha estatuto de instrumento normalizador do Estado. Hospícios e prisões são reveladores dessa prática, que marca sobretudo corpos negros. A ideia de raça firma-se como elaboração teórica nos debates intelectuais, naturalizando as relações coloniais.

É propósito do artigo tratar desses temas em obras escolhidas do escritor, sem perder de vista seu processo de criação e a escolha de estratégias estéticas, tampouco a complexa e oblíqua relação vida e obra.

A viagem de Policarpo: fissuras da nação e tensões da subjetividade

Diante da complexidade do diálogo entre nação e raça exercido sobretudo nos periódicos de diferentes perfis e tendências, como se posicionou Lima Barreto? São diversas as formas de manifestação do autor a respeito, em muitos momentos do conjunto da obra e publicações em jornais e revistas. Há em seus escritos a suspeita, como bom leitor de Nietzsche, sobre a propalada objetividade e certeza de bons resultados para todos os males da humanidade alardeada pela ciência.

Se a atmosfera cientificista reunia tendências díspares entre si – de modelos biológicos e etnográficos ao naturalismo evolucionista e o positivismo francês – além de organização de

institutos e lugares de saber junto a espaços de poder – o escritor carioca demonstrou, nas crônicas publicadas nos jornais, erudição suficiente e conhecimento das principais tendências no pensamento crítico. Nas discussões os estudiosos e literatos oscilam, em diferentes momentos de suas trajetórias intelectuais, do sanitarismo à eugenia, das teorias do determinismo biológico às primeiras noções do que ficará conhecido como democracia racial. E, sobretudo, vale destacar o racismo como “tecnologia de poder e modo de internalizar as contradições” (ALMEIDA, 2020, p. 107) disseminado pelas faculdades de Direito de Recife e São Paulo; as faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, o Museu de História Natural do Pará, na Primeira República. E Lima Barreto acompanhava e participava dos debates com propriedade e argumentação pertinente, construída a partir de leituras feitas.

Em uma crônica de 1919, o escritor discute a formulação da ideia de nacionalidade a partir de *La réforme intellectuelle et morale de la France*, de Ernest Renan (1823-1892). Para o pensador francês, a condição de nacional, não deveria estender-se além das fronteiras europeias, pois, negros e orientais estariam condenados à escravidão.

Dizer que os negros e chineses estão condenados a uma servidão eterna é outro engano de Renan. O grande sábio devia conhecer a história das antigas colônias de sua pátria. Devia saber das rebeliões do Haiti, das surras que *Louverture* deu nas forças francesas que o foram subjugar e de que maneira traiçoeira foi preso, para morrer de frio, nas mãos de salteador de Napoleão, no forte de *Joux* em França. (...) Se o inimitável escritor do *L'Antéchrist*, vivesse entre nós, por exemplo, veria que nunca os negros aceitaram a escravidão, apesar de ser instituição legal e penal entre eles, com a docilidade que lhe parece. Aceitavam como os atuais operários recebem sua escravidão econômica, o salariedade, isto é, com contínuas revoltas (BARRETO, 1956a, p. 258).

Lima Barreto questiona com veemência os argumentos de Ernest Renan, sobretudo quanto à aceitação passiva da escravidão, premissa que, de forma espantosa, ainda figura em algumas redes e conversas hoje. Como grande leitor, o escritor carioca “visita” a biblioteca da tradição europeia para problematizar os argumentos daqueles que podem classificar, nomear, distinguir. E, em consequência, Lima Barreto envia carta ao sociólogo francês Célestin Bouglé (1870-1940), discípulo de Durkheim e professor de Sociologia na Sorbonne, para contestar “os juízos falsos com que o mundo civilizado envolve os homens de cor”. Diz o escritor:

ao ler seu belo livro, observei que o senhor está a par das coisas da Índia e pouco sabe sobre os mulatos do Brasil. Nas letras brasileiras, já florescentes, os mulatos ocuparam lugar de destaque. O maior poeta nacional, Gonçalves Dias, era mulato; o mais erudito dos nossos músicos, espécie de Palestrina, José Maurício, era mulato; os grandes nomes atuais da nossa literatura – Olavo Bilac, Machado de Assis e Coelho Neto – são mulatos (BARRETO, 1956b, p. 158).

Demonstra também ter conhecimento das obras de Booker Taliaferro Washington (1856-1915),¹ liderança afroestadunidense que, após a guerra civil, defendeu o ensino técnico como

¹ Apesar do exitoso projeto de criação de escolas técnicas para negros em boa parte do território dos EUA, Booker Taliaferro Washington também foi duramente criticado por pensadores como William Edward Burghardt, conhecido como W.E.B Du Bois (1868-1963), autor do clássico *As Almas do Povo Negro* (1903) e considerado fundador da sociologia estadunidense – cujos trabalhos Lima Barreto também conhecia. Entre as críticas a Booker Washington, pesa a acusação de não incentivar a formação universitária dessa população, a proposta de sujeição à política segregacionista e por não atuar de forma incisiva contra os frequentes linchamentos comuns à época.

uma educação exclusivamente centrada no trabalho à população negra abandonada e sem perspectivas.

É forte a preocupação do escritor com a racialização na cultura brasileira, especialmente no período em que as teorias de embranquecimento, entre outras, ganham forte apoio e defesa, concomitante à repressão violenta das manifestações culturais de matriz africana, sendo estas oprimidas, segregadas ou tornadas invisíveis, em nome do saneamento e da higiene em busca do progresso. Contingente grande de brasileiros, em sua maioria negros foram enquadrados numa categoria racial e biologicamente inferior. Por consequência, sofreram práticas discriminatórias no mercado de trabalho, no acesso à educação e toda a herança cultural que carregam é lida como manifestação de desocupados, incivilizados, bárbaros.

Em crônica de 16 de agosto de 1919 para o jornal *A.B.C.*, Lima Barreto realiza uma longa exposição sobre as declarações de intelectuais para justificar a matança de grupos negros nos Estados Unidos e, indiretamente, naturalizarem o mesmo procedimento no Brasil e demais países em nome da ciência. A crônica começa com a citação do livro *Le Préjugé des races* (1906) do sociólogo francês, Jean Finot (1856-1922), um dos poucos teóricos franceses contrários à teoria das raças no período. Vale a pena acompanhar alguns momentos do debate.

Nada mais falso do que apelar para a Ciência em tal questão. O que se chama Ciência nesse campo da nossa atividade mental ainda não é nem um corpo homogêneo de doutrinas. Cada autor faz um poema à raça de que parece descender ou com quem simpatiza, por isto ou aquilo.

(...)

Esses senhores que edificaram essas teorias de irremediável desigualdade de raças são tenazes e ferrenhos em remover todas as diferenças desta ou daquela natureza que possam separar o homem do macaco; mas, em compensação, são também tenazes e ferrenhos em acumular antagonismos entre os brancos e os negros. Às vezes mesmo, fazem enormes esforços para justificar, em teorias sociais, ódios de grupos humanos contra outros que, entretanto, têm diversa origem...

(...)

Com minha ignorância reconhecida, em alta de alguém mais competente, eu pretendi com essas linhas ligeiras dizer que a Ciência (com C grande) não autoriza, no seu estado atual, nenhuma matança de seres humanos, por serem desta ou daquela raça. Ela as autoriza tanto quanto os Evangelhos autorizaram as fogueiras de Sevilha, no tempo de Torquemada ou o Saint Berthélemy (BARRETO, 1956c, p. 188-193).

E Lima Barreto participa do debate incitado por médicos, engenheiros, educadores e literatos. Todos procuravam argumentar com a sociedade que os primeiros anos da República representavam o momento histórico de “fundação” ou “refundação” do país e a regeneração do povo. Num diálogo tenso com o passado histórico, propunham “novas técnicas”, “novo saber”, “nova sociedade” além de um “novo governo”. E, ainda, idealizaram projetos de nação, tendo a ciência como forte aliada na defesa do sanitarismo, eugenia e branqueamento como soluções para o país. Uma série de viagens e expedições foram projetadas, não a Paris, mas para dentro do país e as mais inspiradoras foram: a de Euclides da Cunha, para a região conflagrada de

Canudos, e o impacto de *Os Sertões* para toda a intelectualidade; as expedições científicas de Oswaldo Cruz; e os projetos modernizadores de construção de ferrovias e de linhas telegráficas.

Para ler a nação, Lima Barreto opta por outro tempo de escrita, a ficção e a criação de um romance para tratar da(s) representação(ões) do nacional. Aspecto que indica a tarefa de ressignificação epistêmica a que se dedicou o escritor acerca dos temas e conceitos adquiridos a partir de autores e textos da tradição europeia. E tudo começa com a escolha da biblioteca do protagonista do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, uma grande coleção de obras, organizada por assunto e formada pelo motor das ações do personagem: o patriotismo. Nela estavam Manuel José de Araújo Porto Alegre e Domingos José Gonçalves de Magalhães, cronistas de viagens e explorações; historiadores e cientistas, de Rocha Pita, Southey, Varnhagen, Darwin, Cook, Saint-Hilaire.

Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país, tanto assim que aquilo que o fazia vibrar de paixão não eram só os pampas do Sul com o seu gado, não era o café de São Paulo, não eram o ouro e os diamantes de Minas, não era a beleza da Guanabara, não era a altura de Paulo Afonso, não mera o estro de Gonçalves Dias ou o ímpeto de Andrade Neves – era tudo isso junto, fundido, reunido, sob a bandeira estrelada do Cruzeiro (BARRETO, 1956d, p. 32)

Em sua trajetória de “escavador” de imagens culturais, Quaresma compreendeu ser a língua o solo onde o passado está depositado e encontrou a língua tupi-guarani.² As situações ficcionais desencadeadas na sequência logo chamam a atenção para o estranhamento em relação à alteridade indígena no interior da nação, especialmente quando o major Quaresma redige um requerimento às autoridades solicitando a mudança da língua portuguesa para tupi-guarani. Justifica o pedido considerando a capacidade de adaptação da língua aos órgãos vocais e à organização cerebral dos brasileiros. Toma por base os princípios da biologia aplicados à ciência social para combater nossa classificação de “menos evoluídos” no contexto internacional. A saída seria uma língua mais adequada. À tendência evolucionista une-se a tradição romântica: é preciso uma língua que dê conta de traduzir as nossas belezas. A proposta provoca riso e escárnio dos demais personagens e dos próprios leitores de suas peripécias.

Os primeiros capítulos da obra já expõem as fissuras na noção de brasilidade e povo, território conceitual em disputa na Primeira República. Afinal, a “fronteira que assinala a individualidade da nação interrompe o tempo autogerador da produção nacional e desestabiliza o significado do povo como homogêneo” (BHABHA, 1988, p. 209). Por meio da ficção e das ações do personagem, Lima Barreto desvenda uma nação dividida e a heterogeneidade cultural aparece envolta em véu de ilusão e violência. Policarpo Quaresma enfrenta os tempos disjuntivos da brasilidade, paga com a vida por concluir que “a pátria era um mito” e expõe ao leitor onde assimilara essas narrativas de nação: nos livros de literatura, de história, nas narrativas de viagens, nas canções e lendas etc. Todos dispositivos discursivos que plantaram “palmeiras e sabiás”, símbolos de uma natureza “exuberante” em nosso imaginário. Discursos que negam a

² Pesquisadores indicam que para o caso Tupi-Guarani, “este etnônimo e os discursos sobre sua conformação tanto correspondem, na relação com o Estado e as políticas públicas, ao lugar da etnia – apresentando-se como “unidade”, “cultura”, por exemplo –, como, por outro lado, traduz aos não indígenas algo do mundo ameríndio” (MAINARDI, 2017, p. 77).

questão estrutural que atravessa a cultura brasileira e trinca a imagem homogênea de brasilidade: a escravidão (indígena e negra), matriz da violência, do autoritarismo no controle de corpos e sujeitos excluídos, estigmatizados, recolhidos compulsoriamente ou expulsos da pátria amada.

Uma parte significativa do processo de produção do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma* pode ser visualizada em cadernos denominados pelo escritor carioca de *Retalhos*. Estes oferecem, sobretudo, espaço para reflexão do escritor sobre os discursos de teor histórico-cultural e o quadro de referências que utiliza para pensar a escrita. Testemunhas do processo de gênese, os cadernos estão repletos de esboços que prenunciam a redação, recortes de jornais e anotações de livros cujos temas ou recursos de linguagem neles contidos abrem para a percepção de vestígios ou lembrança descritiva. Dito de outra maneira, deixam à mostra “um jogo de empréstimos, tensões e transformações pelo qual o autor se confronta com o discurso de seu tempo” (GRÉSILLON, 2007, p. 229).

Entre os cadernos da coleção *Retalhos* de Lima Barreto arquivados na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional encontra-se, colada numa das folhas, uma tira de jornal com o título “Floriano Peixoto. O momento político e financeiro em 93” e, nele, o/a autor/a lamenta que o “marechal de ferro” não teve ainda o seu historiador para fazer jus à memória daquele que, para o/a articulista, teria sido “o maior brasileiro dos últimos tempos”. Sem autoria definida (somente a assinatura de pseudônimo “Z”) e sem informar local de publicação, o recorte traz a observação do escritor na lateral: “Por ocasião da morte de Saenz Peña”.³ Para suprir a lacuna da memória cultural, o artigo relata episódios curiosos acerca da atuação de Floriano na presidência do Brasil, e vale destacar a cena entre o marechal e o negociante de arroz, tido como “rei do arroz”, que não conhecia o presidente pessoalmente, durante a crise produzida pelo monopólio dos gêneros alimentícios. Figura polêmica, o Marechal empolgou “parte dos militares, parte dos intelectuais, parte da imprensa e da classe média” (SODRÉ, 1983, p. 260). Capaz de conciliar extremos, recebeu o apoio de parcela da ala militar positivista, embora fosse o típico homem de tropa, avesso aos ideais pacifistas pregados por Benjamin Constant. Seu governo caracterizou-se por uma base progressista, na defesa de melhorias à infraestrutura do país, aperfeiçoamento da instrução pública e incentivo à industrialização. Também ficou marcado pelo forte autoritarismo expresso em prisões, deportações, estado de sítio, massacres e repressão violenta à oposição a seu governo. Vem daí a alcunha “marechal de ferro”, por ter vencido, pela força, seus opositores. Criou medidas populares como redução dos preços de aluguel e quebra de monopólio dos gêneros alimentícios (cf. SAES, 2005, p. 44). O apoio popular a Floriano manifestou-se por um nacionalismo fervoroso que se voltou contra os portugueses, proprietários do comércio na capital da República, e a favor da violência contra aqueles que fossem considerados “inimigos” da Pátria. Vale destacar que não se pode considerar o

³ Pode-se deduzir o ano de publicação do artigo como sendo 1907. Ano da morte de Luis Saenz Peña (1822-1907), que governou a Argentina entre 1892-1895. Seu filho, Roque Saenz Peña (1851-1919), também governou o país no período de 1910-1914. Há uma importante praça no bairro carioca Tijuca com o nome Saenz Peña.

autoritarismo de Floriano como ação política das Forças Armadas. Desde a época do final do Império, o Marechal não se associou aos líderes da Questão Militar, agiu sempre “com ações indiretas e solitárias”, como a que restringiu a mobilização de tropas nos quartéis para defender o governo imperial em momento importante de pressão dos republicanos (SAES, 2005, p. 35). Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto traz um desenho significativo da figura de Floriano Peixoto — “cruel e paternal ao mesmo tempo” —, da sua política e do fervor e adoração que causara no “doce, bom e modesto Quaresma”, que paga com a vida por perguntar o que é pátria, o que significa herói nacional ou indagar “pátria para quem?” (FIGUEIREDO & FERREIRA, 2017). Depois de muitas pesquisas, como testemunham os cadernos de notas e colagens de retalhos de jornais, por isso denominados Retalhos, o escritor carioca realiza um longo desenho do Marechal no romance, cujos traços marcantes são: “tibieza de ânimo”, o exercício da “tirania doméstica”, a “preguiça doentia”, o “homem-talvez” que, paradoxalmente, angariou seguidores fanáticos.

Dessa sua preguiça de pensar e agir, vinha o seu mutismo, os seus misteriosos monossílabos, levados à altura de ditos sibílinos, as famosas “encruzilhadas dos talvezes”, que tanto reagiram sobre a inteligência e imaginação nacionais, mendigas de heróis e grandes homens. (...). Demais a sua educação militar e a sua fraca cultura deram mais realce a essa concepção infantil, raiando-a de violência, não tanto por ele em si, pela sua perversidade natural, pelo seu desprezo pela vida humana, mas pela fraqueza com que acobertou e não reprimiu a ferocidade dos seus auxiliares e asseclas (BARRETO, 1956d, p. 210).

E ainda apresenta uma das páginas mais lancinantes da Literatura Brasileira quando descreve, a partir da perspectiva de seu personagem Policarpo Quaresma, o massacre dos prisioneiros das revoltas contra o governo Floriano.

Havia simples marinheiros; havia inferiores; havia escreventes e operários de bordo. Brancos, pretos, mulatos, caboclos, gente de todas as cores e todos os sentimentos, gente que se tinha metido em tal aventura pelo hábito de obedecer, gente inteiramente estranha à questão do debate (*Ibidem*, p. 279).

Designado como carcereiro de jovens inocentes, indigna-se Quaresma com destino prometido aos recrutas: feitos prisioneiros, seriam mortos e seus corpos jogados ao mar.

Não se pudera conter. Aquela leva de desgraçados a sair assim, a desoras, escolhidos a esmo, para uma carniçaria distante, falara fundo a todos os seus sentimentos; pusera diante de seus olhos todos os seus princípios morais; desafiara a sua coragem moral e a sua solidariedade humana (*Ibidem*, p. 284).

Policarpo Quaresma protesta e registra em carta toda a sua indignação ao presidente da República. Como consequência, é acusado de traidor, feito prisioneiro e logo também condenado à morte.

No romance, destaca-se também a questão que atravessa o conjunto das obras do escritor carioca, isto é, a problematização da unidade do ‘eu’ como algo dado, a exposição de si por múltiplas estratégias e perspectivas e, com isso, questionar os limites do indivíduo, estender as fronteiras entre os gêneros, para expor os conflitos da subjetividade. Perspectiva do escritor contaminada da leitura nietzscheana e, nessa direção, “tornar-se o que se é” significa realizar uma incerta travessia, sem qualquer certeza de chegada porque “não há espírito, nem razão, nem

pensar, nem consciência, nem alma, nem vontade, nem verdade: tudo isso é ficção inútil” (NIETZSCHE, 2008, p. 259). O filósofo destrona a unidade do sujeito, fundada na valorização da consciência e induzida pela função gramatical do sujeito. O conceito sintético “eu” reúne uma pluralidade de vivências e estados psíquicos numa unidade aparente, criada pela consciência, compreendida como um órgão de condução entre as impressões do mundo externo e as reações necessárias aos estímulos e impressões recebidos. O “eu” é, portanto, produto da conscientização daquele efeito de comando e disposição anímica sobre os quais se funda a convicção, ou crença, de se possuir domínio sobre si mesmo, como causa para todo fazer. É preciso observar a bela lição nietzscheana:

Que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente o que é. Desse ponto de vista possuem sentido e valor próprios até os *desacertos* da vida, os momentâneos desvios e vias secundárias, os adiamentos, as “modéstias”, a seriedade desperdiçada em tarefas que ficam além d’ a tarefa (NIETZSCHE, 1995, p. 48)

Assim “tornar o que se é” nada tem a ver com o saber, o poder, a vontade como atributos de um sujeito que sabe o que é e sabe o que quer; é ao contrário, um desprender-se de si, uma coragem para lançar-se no sentido do proibido, uma travessia, uma experimentação.

Gradativamente, no romance, o leitor acompanha a travessia de Policarpo Quaresma, o seu corajoso e incerto percurso em direção a si mesmo e à pátria.

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas coisas de tupi, do *folk-lore*, das suas tentativas agrícolas...Restava disso em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma! (BARRETO, 1956d, p. 285)

Dois momentos são marcantes para o processo de autorreflexão do personagem: a carnificina a que assistia e aquela que também provoca com suas ações, antes doces e incapazes de ferir qualquer pessoa. O doce, bom e modesto Quaresma relata em carta à irmã seu dilaceramento pelo fato de ter cometido um assassinato.

De tarde, ele ficava a passear, olhando o mar. A viração soprava ainda e as gaivotas continuavam a pescar. Os barcos passavam. Ora, eram lanchas fumarentas que lá iam ao fundo da baía; ora pequenos botes ou canoas, roçando carinhosamente a superfície das águas, pendendo para lá e para cá, como se as suas alvas velas enfunadas quisessem afagar a espelhenta superfície do abismo. Os Órgãos⁴ vinham suavemente morrendo na violeta macia; e o resto era azul, um azul imaterial que inebriava, embriagava, como um licor capitoso.

Ficava assim um tempo longo, a ver, e quando se voltava, olhava a cidade que entrava na sombra, aos beijos sangrentos do ocaso (*Ibidem*, p. 279).

Há uma série de tendências interpretativas do impressionismo como recurso literário. Sandanello (2017) classifica-as entre: os que negam sua existência; os que o limitam à mera transposição do impressionismo pictórico; e os defensores da perspectiva narrativa, isto é, a ênfase na experiência com a focalização e, sobretudo, com a rasura dos limites da narrativa para

⁴ Maciço da Serra dos Órgãos, situado na Região Serrana do Rio de Janeiro que integra o complexo do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, Unidade de Conservação Federal.

expressão das nuances, contornos e tensões das subjetividades. Esta última linha de abordagem interessa-nos para a leitura crítica das obras de Lima Barreto por um motivo simples: a exploração da crise do sujeito e a fabulação do autor, aliadas à distensão dos limites entre os gêneros, marcam seus romances e contos (cf. FIGUEIREDO, 2019). E se o impressionismo literário é a técnica significativa para a representação dos impasses da consciência e dos atos de percepção, apresentando processos simultaneamente espaciais e temporais, não é surpresa observarmos esse recurso em seus textos. No trecho citado, aparece o processo de reflexão e autoconhecimento com destaque para a cor azul. Cor dos deuses e da imaterialidade, o azul também se liga à introspecção, ao distanciamento.

O azul é a mais imaterial de todas as cores. Na natureza ela se apresenta como sendo a cor da transparência. O ar, a água, o vazio, todos são representados pela cor azul. O azul é a cor da profundidade, é a cor que reflete um movimento de distanciamento do homem, um movimento dirigido para o seu próprio centro (CORRÊA & KERN, 2018).

E, em outro momento, quando aprisionado no fundo de um calabouço, Policarpo Quaresma repassa as escolhas feitas e todo o sistema de ideias que o levaram ao “triste fim”. Com o tupi “encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e o levou à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros”. E completa: “A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio de seu gabinete” (BARRETO, 1956d, p. 285).

Essa frase de Policarpo, muito citada nos estudos sobre a obra, evidencia a estratégia muito interessante do escritor carioca para se posicionar a contrapelo dos discursos nacionalistas que buscava respostas para as perguntas: O que é o Brasil? Quem são os brasileiros? Pátria para quem? Se Policarpo Quaresma fracassa em sua aventura, enriquece duplamente a experiência dos que o leem: de um lado, revela os elementos que constroem os vínculos imaginários também criados pela literatura – sobretudo o romance – para produzir o que Benedict Anderson chamou de “comunidade imaginada”, correspondente ao sentido de nação (ANDERSON, 2008). De outro, chama a atenção para a crise de identidade, tão discutida desde o final do século XIX.

Ao leitor, contemporâneo ao período de publicação da obra, fica a percepção de que a cultura nacional constitui um sofisticado sistema de representação cultural, com estrutura de autoridade e poder, e que a literatura também o integra. E para o leitor de nossos dias Triste fim de Policarpo Quaresma demonstra que a problematização da identidade cultural faz parte de um processo tenso, desde o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

Raça em pontos de cor

Clara dos Anjos: pontos de cor entre gênero e raça

A muito conhecida personagem Clara dos Anjos, do romance homônimo, é desenhada por um narrador onisciente que, além de julgar fortemente as atitudes da protagonista, procura

explicar as causas de sua extrema passividade e ações ingênuas. A culpa é da educação que recebeu, distante de leituras e sem perspectiva crítica acerca de sua condição social. O romance é muito rico, com várias tramas em paralelo, e foi bastante trabalhado por Lima Barreto em inúmeras versões, tendo sido postumamente publicado (inacabado) em folhetins na revista *Sousa Cruz*, Rio de Janeiro, entre 1923 e 1924. Nele, há belíssimas imagens dos subúrbios cariocas e, sobretudo, da forma de sobrevivência de pessoas pobres que ganham a vida como lavadeiras, costureiras, prostitutas, balconistas, condutores de trem, carteiros etc.

Percebemos o tom incisivo de crítica do narrador à educação de Clara dos Anjos (feita de “mimos” e “vigilância”), trazendo a visão do escritor sobre a precária formação da jovem, toda voltada para o casamento como única opção de realização pessoal e êxito social. Casamento e carreira são vistos como atividades incompatíveis. Além disso, à mulher pobre, negra ou “mulata”,⁵ as portas para as oportunidades de desenvolver algum talento estariam antecipadamente fechadas. Muitos de seus contos e romances aprofundam essa questão.

Criada numa ambiência cujos traços gerais incentivavam a fantasia, a música dolente com versos repetitivos e todo um universo de exacerbações dos sentidos com “sons mágicos” de violões, o caráter de Clara vai sendo moldado pela idealização mesclada a sonhos vagos de amor. A realidade gradativamente passa a ser um pálido reflexo da imaginação cujo conteúdo lhe interessa mais do que o mundo ao seu redor. Tudo plantado no terreno da limitação intelectual, do distanciamento da experiência crítica. No entanto, a jovem de “débil inteligência” e com “falta de experiência”, segundo o narrador, passa por relevante processo de autoconhecimento e de reconhecimento profundo das tensões de raça, classe e gênero. Processo este que será antecipado por meio da imagem “mancha de carvão”, muitas vezes utilizada ao longo do romance e com diferentes possibilidades de sentido.

Aos poucos, como se fosse uma câmera, o foco do narrador vai se afunilando. Primeiro, vemos à janela a clássica moça namoradeira e, depois, gradativamente, imbricam-se o espaço exterior (o céu, as estrelas, as árvores, o luar, a escuridão da noite) e o “pensamento errante” (e angustiado) da personagem.

Clara dos Anjos, meio debruçada na janela do seu quarto, olhava as árvores imotas, mergulhadas na sombra da noite, e contemplava o céu profundamente estrelado. Esperava.

(...). Clara contemplava o céu negro, picado de estrelas que palpitavam. A treva não era total, por causa da poeira luminosa que peneirava das alturas. Ela, daquela janela, que dava para os fundos de sua casa, abrangia uma grande parte da abóbada celeste. Não conhecia o nome daquelas joias do céu, das quais só distinguia o Cruzeiro do Sul. Correu com o pensamento errante toda a extensão da parte do céu que avistava. Voltou ao Cruzeiro, em cujas proximidades, pela primeira, vez reparou que havia uma mancha negra, de um negro profundo e homogêneo de carvão vegetal. Perguntou de si para si:

— Então, no céu, também se encontram manchas?” (BARRETO, 1956e, p. 175).

⁵ Utilizo aqui o termo usado por Lima Barreto para se referir a pessoas pardas, comum à época em que publicou suas obras.

Em seguida a essas imagens, o narrador esclarece: “Essa descoberta, ela a combinou com o transe por que passara. Não lhe tardaram a vir lágrimas; e, suspirando, pensou de si para si: — Que será de mim, meu Deus?” (BARRETO, 1956e, p. 175).

Novamente, vemos o escritor utilizando o claro/escuro para revelar as dores íntimas dos personagens. A cor de “carvão vegetal”, que não reflete a luz, é invadida sutilmente por “uma poeira luminosa”. A escuridão da angústia de Clara coaduna-se com a “mancha negra, de um negro profundo” para representar o primeiro estágio do processo de conscientização da personagem. A “mancha” é “negra” como a represália moral que sofrerá por estar grávida e solteira. Pela primeira vez, Clara dos Anjos tomou consciência de que a culpa, o julgamento, a impotência irão acompanhá-la, como uma “mancha”. A doce, ingênua e angélica Clara toma consciência da opressão de gênero da sociedade patriarcal — montanhas que, como “gigantes negros”, montavam sentinela, indiferentes a sua dor.

(...) ao longo, as montanhas tinham aspectos sinistros, de gigantes negros que montavam sentinela; tudo era silêncio e, em vão, ela apurava o ouvido e reforçava o seu poder de visão, para ver se daquele mistério todo saía qualquer resposta sobre o seu destino — ou se via o caminho para sua salvação....

Olhou ainda o céu, recamado de estrelas, que não se cansava de brilhar. Procurou o Cruzeiro, rogou um instante a Deus que a perdoasse e a salvasse. Andou com o olhar no céu, um pouco além; lá estava a indelével mancha de carvão... (*Ibidem*, p. 179).

Muito interessante a estratégia do escritor, que utiliza, novamente, o impressionismo literário para conferir humanidade e grandeza a seus personagens. Caso os leitores não tenham compreendido a linguagem de luz e sombra que exterioriza o conteúdo das emoções da personagem, o narrador fornece a informação por meio do discurso indireto. Num monólogo, Clara fala consigo mesma, revelando ao leitor o conteúdo de sua angústia. “Que havia de ser dela, agora, desonrada, vexada diante de todos, com aquela nódoa indelével na vida?” (*Ibidem*, p. 187).

Perceber a “indelével mancha de carvão” transforma a personagem. O olhar de Dona Salustiana (mãe de Cassi Jones, pai da criança que Clara dos Anjos espera, sedutor irresponsável e até assassino), que só a encara “com evidente desdém”, foi fulminante e decisivo para nova etapa do amadurecimento de Clara. “A moça foi notando isso e encheu-se de raiva, de rancor por aquela humilhação por que passava, além de tudo que sofria e havia ainda de sofrer” (*Ibidem*, p. 193).

Ao ser humilhada pela mãe de Cassi Jones quando vai procurar a família pedindo casamento e reparação, responde fora de si sobre o motivo de sua visita: “Quero que se case comigo”. A reação veio em seguida. “Dona Salustiana ficou lívida; a intervenção da “mulatinha” a exasperou. Olhou-a cheia de malvadez e indignação, demorando o olhar propositadamente. Por fim, expectorou: — Que é que você diz, sua negra?” (*Ibidem*, p. 194, *aspas nossas*).

Sutilmente, Lima Barreto nos mostra que o poder está do lado de dentro e do lado de fora das pessoas, isto é, a força do exterior molda, fixa, intimida, provoca, rebaixa, controla. Questão explorada por Franz Fanon em *Pele negra, Máscaras brancas*: “(...) o outro, através de

gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu” (FANON, 2008, p. 103).

Como “um outro eu” que surge reunindo os cacos, Clara enxerga suas características étnicas e o racismo estrutural, sua vulnerabilidade econômica e, como explica o narrador, “Agora é que tinha a noção exata de sua condição social” (BARRETO, 1956e, p. 196). De fato, a personagem aprende a revidar o olhar como atitude de resistência, mesmo que ainda frágil.

Pela reunião de todas essas estratégias que se alternam entre sutilezas e explicações, torna-se compreensível por que o romance termina com a afirmação de Clara dos Anjos à mãe, pronunciada com “grande acento de desespero: — Nós não somos nada nesta vida” (*Idem*).

O destacado uso da cor, em *Clara dos Anjos*, permite o mergulho na consciência da personagem e a percepção de como se afeta profundamente pelas pressões sociais vindas da educação que recebera, da cor da pele (marca indelével), por ser mulher e pobre. Ainda que não tenha rasurado completamente os limites da narrativa, os recursos estéticos permitem explorar o doloroso processo de amadurecimento da subjetividade para cultivar uma consciência crítica. É recorrente em Lima Barreto a estratégia de manifestação da vida interior por meio de imagens próprias do impressionismo literário. Imagens que sugerem o efeito de experiência sensorial imediata, com o aprofundamento psicológico da personagem conferindo ao narrador a percepção restrita dos temas, o que projeta o leitor na mesma posição ou visão da personagem.

Autorretrato em preto e branco

O conteúdo atribuído ao termo raça era bem diversificado, desde posições de crítica à ideia da inviabilidade do Brasil, e seu povo, até as propostas de autores como Manuel Bonfim, Alberto Torres, Lima Barreto que enfatizavam as dimensões culturais, econômicas e políticas como preponderantes para a formação do país e sua gente. Nesse contexto, a miscigenação ganhou força como solução para o diálogo entre a ciência e as forças do imperialismo contra a visão fatalista da degenerescência. “O mito do branqueamento repousava claramente em uma idealização da branquidade; ele representava a racionalização de um desejo de uma elite que controlava uma sociedade multirracial dominada pelo racismo – uma ânsia por um sentimento real de brasilidade em um país dividido por raça e classe” (STEPAN, 2005, p. 167). No cerne da questão, portanto, a sofisticada relação entre racismo e capitalismo como projeto da sociedade e do Estado brasileiro, como observara o escritor carioca no Diário Íntimo: “Tudo isto se diz em nome da ciência e a coberto da autoridade de sábios alemães (BARRETO, 1956f, p. 110).

Há uma sutil e interessante confluência entre o racismo estrutural, os modos de subjetivação (o gesto, o olhar, o corpo) e o autorretrato desenhado por Lima Barreto a partir das leituras feitas, isto porque

a ordem produzida pelo racismo não afeta apenas a sociedade em suas relações exteriores – como no caso da colonização – mas atinge, sobretudo, a sua configuração interna, estipulando padrões hierárquicos, naturalizando formas históricas de dominação e justificando a intervenção estatal sobre grupos sociais discriminados (ALMEIDA, 2020, p. 178).

Valores, palavras, olhares e sinais penetram no indivíduo fragilizando sua estrutura psíquica com um drama no inconsciente, pois que, “para o preto há um mito a ser enfrentado. Um mito solidamente enraizado. O preto o ignora enquanto sua existência se desenvolve no meio dos seus; mas ao primeiro olhar branco, ele sente o peso da melanina” (FANON, 2008, p. 133).

Há no *Diário Íntimo* do escritor carioca um registro que pode ser compreendido como um autorretrato que flagra todo o efeito psíquico do racismo na experiência de um jovem em formação, e depois como o conhecimento crítico permite perceber, com clareza e com dor, o processo. Nesse sentido, o relato é esclarecedor e pungente.

É contestação para minh'alma poder oferecer contestação, atirar sarcasmos à soberbia de tais sentenças, que me fazem sofrer desde os quatorze anos.

Oh! A ciência! Eu era menino, tinha aquela idade, andava no meio dos preparatórios, quando li, na *Revista Brasileira*, os seus esconjuros, os seus anátemas...Falavam as autorizadas penas do Senhor Domício da Gama e Oliveira Lima...

Eles me encheram de medo, de timidez, abateram-me; a minha jovialidade nativa, a satisfação de viver nesse fantástico meio tropical, com quem tenho tantas afinidades ficou perturbada pelas mais degradantes sentenças.

Desviei a corrente natural de minha vida, escondi-me em mim mesmo e fiquei a sofrer para sempre...

Mas, hoje! Hoje! Já posso alguma coisa e amanhã poderei mais e mais. Não pararei nunca, não me deterei; nem a miséria, as perseguições, as descomposturas me deterão. Sacudi para longe o fantasma do Medo: sou forte, penso, tenho coragem...Nada! Nada! Nada!

É que senti que a ciência não é assim um cochicho de Deus aos homens da Europa sobre a misteriosa organização do mundo (BARRETO, 1956 f, p.112).

É preciso destacar que o registro no *Diário Íntimo* não deve ser atribuído a mero desabafo ou reduzido a somente expressão e representação da identidade do escritor. Tal premissa é redutora para tratar de Lima Barreto por duas razões: a) sua perspectiva crítica – como leitor e intelectual e o desenho de suas personagens – sugere que a identidade é uma *construção* e uma *armadilha*; b) toda a autorreferência é atravessada pela experiência da leitura e da literatura. Por isso, a cena é simultaneamente um relato autobiográfico – como um surpreendente exercício de autorretrato desenhado no texto – e um gesto cultural. Ao mostrar como aprendeu os códigos, valores, nuances da existência racializada assim que saiu do ambiente protegido, o escritor também mostra a dolorosa aquisição da consciência negra. “O preto, diante da atitude subjetiva do branco, percebe a irrealidade de muitas proposições que tinha absorvido como suas. Começa então a verdadeira aprendizagem. E a realidade se revela extremamente resistente...” (FANON, 2008, p. 133).

Bastante relevante esse processo porque mostra o escritor expondo o seu próprio processo de aprendizado sobre o racismo e os modos de subjetivação. É como se Lima Barreto incentivasse a “arte de se pôr em cena”, vendo-se a si mesmo por diferentes olhares (ora como

personagem, ora cronista de vidas alheias etc.) como sugeria o autor de *A gaia ciência* inspirado nos processos teatrais.

Foram os artistas, e particularmente os do teatro, que primeiro forneceram aos homens olhos e ouvidos para ver e ouvir com algum prazer aquilo que é, aquilo que viveu, aquilo que cada um desejou, foram eles que nos ensinaram primeiramente a dimensão do herói que se esconde no homem ordinário, eles que ensinaram a arte de se autoconsiderar como herói, a distância, e simplificado e transfigurado de alguma forma – a arte de se “pôr em cena” frente a si mesmo (NIETZSCHE, *s/d*. p. 73)

O gesto cultural contido no Diário Íntimo permite também um diálogo do escritor com a obra de W.E.B. Du Bois,⁶ autor de *As almas do povo negro* onde o ativista e sociólogo desenvolveu o conceito de “véu”. A partir de sua própria experiência, o pensador propõe reflexões que entrelaçam os processos sociais e modos de subjetivação e forma profunda. Segundo Du Bois, o conceito de “véu” permite mostrar que negros e brancos estão, simultaneamente, no mesmo mundo e em mundos distintos.

Foi quando me veio a percepção quase imediata de que eu era diferente dos demais, ou semelhantes, talvez, em termos de coração e de força vital e de aspirações, mas apartado do mundo deles por um enorme véu. Não senti desejo de rasgar esse véu, de atravessá-lo; passei a desprezar todos os que estavam do outro lado e a viver acima desse véu em uma região de céu azul e grandes sombras errantes (...) Infelizmente, com o tempo esse fino desprezo começou a esvanecer, pois as palavras que eu queria para mim, todas as belas oportunidades, iam para eles, não para mim (...) As sombras da prisão se fechavam sobre todos nós: paredes estreitas e rígidas para os mais claros, mas implacavelmente apertadas, altas e impossíveis de escalar para os filhos da noite,

a quem só resta se deixar arrastar sombriamente pela resignação, ou bater em vão com as mãos espalmadas nas pedras, ou de forma obstinada, mas quase sem esperança, observar o céu azul lá do alto (DU BOIS, 2021, p. 21-22).

Qualquer semelhança com a reflexão do escritor carioca registrada no Diário Íntimo não é mera coincidência.

Sombras e dilaceramento

A fragmentação do eu e o processo de conscientização será incorporado na estrutura do texto de ficção, também no conto *O filho da Gabriela*. Escrito em 1906, o conto se inicia com um diálogo tenso entre a patroa e a criada, que logo configura a ambiguidade entre abandono e proteção, direito e desigualdade social, sensibilidade e indiferença. A patroa mais jovem, sem filhos, repleta de decepções matrimoniais (o marido de mais de sessenta anos “que se casara por necessidade decorativa”), amantes de ocasião, todas as “amarguras de seu ideal amoroso,

⁶ William Eduardo Burghardt Du Bois (1868-1963). Escritor, ativista político pela igualdade racial, sociólogo, cofundador da *Associação Nacional para Avanço das Pessoas de Cor* (NAACP) e é conhecido como “Pai das Ciências Sociais e do Pan-Africanismo”. Du Bois recebeu um diploma em 1888 pela Universidade Fisk, e um segundo diploma pela Harvard em 1890. Depois de dois anos de estudo na Universidade de Berlim, recebeu seu título de doutor pela Harvard em 1895. Além das publicações acadêmicas, escreveu novelas e poesia. Combateu abertamente questões da sua época como linchamentos, discriminação e exploração colonial, também foi o líder mundial do movimento Pan-Africano, servindo como Secretário do Primeiro Congresso Pan-Africano.

fatalidades de temperamento, todo aquele obscuro drama de sua alma feito de uma porção de coisas que não chegava bem a colher, mas nas malhas das quais se sentia presa e sacudida, subiu-lhe de repente à consciência, e ela chorou” (BARRETO, 1956g, p. 210). Sem perspectiva maniqueísta, redutora e dicotômica, o narrador aproxima as duas mulheres na sua dor e incompreensão dos laços e tensões culturais em que estão enredadas.

O conto poderia ficar somente no relato da difícil convivência entre Laura, a patroa, e Gabriela, a criada. Depois de um mês “correndo a cidade”, Gabriela retorna ao trabalho – depois de ir embora – por insistência da dona de casa. “Entre elas parecia que havia agora certo acordo íntimo, um quê de mútua proteção e simpatia” (*Ibidem*, p. 212). Logo em seguida, a patroa se oferece para batizar o filho de Gabriela, já com quatro anos. O conselheiro, o patrão, decidiu o nome. O menino passou a se chamar Horácio, como se não tivesse nunca tido um nome repleto de memória afetiva, agora ignorada. Pouco tempo depois, a mãe do “taciturno, reservado e tímido” Horácio falece e o menino entra completamente na família do Conselheiro Calaça. Mas isso não lhe retira a taciturnidade; ao contrário, “fechava-se em si mesmo e nunca mais teve crises de alegria” (*Ibidem*, p. 213).

Horácio cresce entre as reprimendas severas do padrinho, “duro”, “desdenhoso”, “severo em demasia com o pequeno de quem não gostava” e a madrinha. Depois da morte da mãe, “não encontrara naquele mundo tão diferente, pessoa a quem se pudesse abandonar completamente, embora pela madrinha continuasse a manter uma respeitosa e distante amizade, raramente aproximada por uma carícia, por um afago” (*Idem*). Para o menino, em quem “a imaginação palpitava”, o mundo parecia “uma coisa dura”, cheia de arestas cortantes e um domingo ou outro, só ou com um amigo vagava pelas praias, pelos bondes ou pelos jardins. O Jardim Botânico era seu preferido. “Com que volúpia ele se via dissolvido na natureza, em seu estado de fragmentos, em átomos, sem sofrimentos, sem pensamento, sem lar” (*Ibidem*, p. 217). Mas, apavorado com o possível aniquilamento, voltava a si, aos seus desejos, às suas preocupações. O narrador avisa: “Animava-o uma vontade de distinção, de reforçar a sua individualidade, que ele sentia muito diminuída pelas circunstâncias ambientes” (*Idem*).

Mas, foi numa festa de São João que Horácio sentiu o aprofundamento de sua dor e nós, leitores e leitoras, podemos acompanhar a maior densidade psicológica do personagem enquanto é preparado um desfecho que se mostra diverso, “insinuando uma espécie de ‘antidesfecho’ pela continuidade da situação imaginária e suspensão de um final demarcado” (PASSOS, 2018, p. 43).

Na referida festa, Horácio manteve-se “solitário, fugido como se sentia ser no ruído da vida” diante do barulho dos folguedos, do dançar sôfrego e contínuo, das tradicionais simpatias para prever o futuro, típicas das festas juninas. Toda a agonia de seus sentimentos será apresentada em contrapontos de luz e escuridão.

Do seu canto escuro, via tudo mergulhado numa vaga semiluz. No céu negro, a luz pálida das estrelas; na cidade defronte, o revérbero da iluminação; luz, na fogueira votiva, nos balões ao alto, nos foguetes que espoucavam, nos fogarés das proximidades e das distâncias — luzes contínuas, instantâneas, pálidas, fortes;

e todas no conjunto pareciam representar um esforço enorme para espancar as trevas daquela noite de mistérios.

No seio daquela bruma iluminada, as formas das árvores boiavam como espectros; o murmúrio do mar tinha alguma coisa de penalizado diante do esforço dos homens e dos astros para clarear as trevas. Havia naquele instante, em todas as almas, um louco desejo de decifrar o mistério que nos cerca; e as fantasias trabalhavam para idear meios que nos fizessem comunicar com o ignorado, com o invisível. Pelos cantos sombrios da chácara pessoas deslizavam. Iam ao poço ver a sombra — sinal de que viveriam o ano; iam disputar galhos de arruda ao diabo; pelas janelas, deixavam copos com ovos partidos para que o sereno, no dia seguinte, trouxesse as mensagens do Futuro. (...).

Dolorosos foram os dias que se seguiram. O espírito sacolejou-lhe o corpo violentamente. Com afincos estudava, lia os compêndios; mas não compreendia, nada retinha. (...). Não encontrava solução, saída; a desordem das ideias e a incoerência das sensações não lhe podiam dar uma e cavavam-lhe a saúde. Tornou-se mais flébil, fatigava-se facilmente. Amanhecia cansado de dormir e dormia cansado de estar em vigília. Vivia irritado, raivoso, não sabia contra quem" (BARRETO, 1956g, p. 218- 219).

O espetáculo de luz e sombra permite à personagem uma maior inclinação subjetiva diante das dimensões inquietantes da vida. Novamente a estratégia de manifestação da vida interior por meio de imagens próprias do impressionismo literário. Tanto quanto Horácio, o leitor ou leitora pouco conhece das causas de seu sofrimento, a dimensão de sua dor. Tomado simultaneamente por irritação, tristeza, revolta, Horácio reage a um pedido do padrinho:

- Horácio, você passe na casa do Guedes e traga-me a roupa que mandei consertar.
- Mande outra pessoa buscar.
- O quê?
- Não trago.
- Ingrato! Era de esperar ...

E o menino ficou admirado diante de si mesmo, daquela saída de sua habitual timidez (*Ibidem*, p. 219).

Pelo "atrevimento", Horácio recebeu acolhimento na sensibilidade da madrinha que "viu-lhe o sofrimento de viver à parte" (*Idem*). Apesar do apoio recebido, Horácio foi tomado por "um estranho sentimento de repulsa, de nojo por si mesmo" e tornou-se febril, caiu em enorme prostração e, de cama, tinha delírios com frases desconexas. "Homens negros... fogueiras... Um se estorce... Chi! Que coisa!...O meu pedaço dança..." (*Ibidem*, p. 220). Um médico é chamado e dá o diagnóstico: "Não se assuste, minha senhora. É delírio febril, simplesmente. Dê-lhe o purgante, depois as cápsulas que, em breve, estará bom" (*idem*).

No espaço doméstico repetem-se em menor esfera os princípios da colonização para a organização do poder. "A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia" (FANON, 2008, p. 90). O jovem adotado descobre-se logo rejeitado por um mundo que aprendeu a assimilar na escola, nas amizades, na casa da família. E quando "esquece" o seu lugar ou quando deseja rejeitar a dependência como se fosse igual aos padrinhos e senhores, sente o peso enorme da inferiorização e da culpa. O jovem Horácio recebe um nome e uma identidade, a de "afilhado". Aos poucos, aprende a perceber a irrealidade de muitas proposições nos discursos e ações do

mundo que, ambigualmente, é seu por direito, mas também não o é. Então, o antidesfecho do conto de Lima Barreto permite pensar as questões existenciais e sociais inerentes ao sistema econômico-psicológico (FANON, 2008) que, desde a escravidão, perpassam as relações sociais na cultura brasileira.

A elaboração literária do conto sugere a incorporação na trama da tensão profunda entre pertencer e não pertencer, integrar-se e alienar-se, produzindo um esfacelamento do eu diante da compreensão desse processo sofisticado. O jogo de luz e sombra – fogueira, balões, foguetes e luzes que não espantam a treva, o mistério, a dor. “Do seu canto escuro”, o personagem Horácio só podia ver “tudo mergulhado numa vaga semiluz”. A sombra o abraçou causando angústia e dilaceramento, deixando exposta e visível “a transplantação violenta, a falta de simpatia, o princípio da ruptura que existia em sua alma, e que o fazia passar nos extremos das sensações e dos atos” (BARRETO, 1956g, p. 219).

A escolha estética de Lima Barreto para apresentar o tema traduz enorme sutileza, assim como sutil é o mecanismo psicológico do racismo. A imposição de novas maneiras de ver, de um julgamento pejorativo sobre seu comportamento e valores provoca, no dizer de Fanon, “fenômenos imprevistos, heteróclitos” (FANON, 1980, p. 42-43). No entanto, em *O filho da Gabriela*, não é possível acompanhar o desenrolar das consequências. O conto abandona o leitor preso nessa linha tênue, fascinante e perigosa. Será a personagem capaz de escolher entre a ação e a passividade acerca do verdadeiro conflito guardado dentro das estruturas sociais? E qual ação? Para Lima Barreto, deixar tal pergunta aos leitores é muito mais relevante porque permite mostrar a profundidade do processo psíquico, o sofrimento intenso de perceber que “no inconsciente coletivo do *homo occidentalis*, o preto, ou melhor a cor negra, simboliza o mal, o pecado, a miséria, a morte, a guerra, a fome” (FANON, 2008, p. 161). Uma dor profunda reforçada pela indiferença, repulsa ou incompreensão ao redor.

Entrelace de vida e obra

A experiência de vida de Lima Barreto é minada pelo trabalho criativo, um envolvimento paradoxal, ou seja, a vida do escritor está à sombra da escrita, mas a escrita é uma forma de vida (MAINGUENEAU, 2001, p. 47). Esse movimento complexo pode ser percebido quando o escritor lida com a ideia de raça, inerente ao discurso nacionalista no contexto em que produzia suas obras. Simultaneamente, utiliza a tribuna da imprensa para debater os conceitos e práticas advindos das leituras feitas, do diálogo com os pensadores e intelectuais seus contemporâneos. Cria personagens, densos, para exposição dos aspectos psíquicos associados ao racismo. Expõe o seu próprio processo de identificação do olhar do outro sobre a cor de sua pele, os mecanismos que ativou para defesa. Assim, dramatizar e expor seu processo de (auto)conhecimento permite um gesto cultural que: a) informa a dor e o sofrimento individual; b) demonstra a vasta pesquisa e estudo para saber suas causas; c) apresenta a fragilidade dos argumentos que justificam a opressão. Processo cujas nuances e tensões podem ser melhor compreendidas pela literatura que escolhe produzir.

Referências

- ALMEIDA, Sílvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaira, 2020.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis. Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956a. Vol.9
- BARRETO, Afonso Henriques de. *Correspondência*. Tomo 1. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956b
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Feiras e mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1956c, Vol.10.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1956d, Vol.2.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956e, Vol.5.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956f. Vol.14
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. O filho da Gabriela. *Clara dos Anjos*, Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956g. Vol.5
- CORRÊA, Valdriana & KERN, Daniela P. Machado. Azul na história da arte. *Revista XVIII Seminário de História da Arte*. Volume 01, nº 07, 2018, 31p. <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/13506/8276>
- DU BOIS, W.E.B. *As almas do povo negro*. Tradução de Alexandre Boide. São Paulo: Veneta, 2021.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FANON, Frantz. Racismo e cultura. In: *Em defesa da revolução africana*. Tradução de Isabel Pascoal. Sá da Costa Editora: Lisboa, 1980, p. 34-48.
- FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de & FERREIRA, Ceila Maria (Orgs.). *Lima Barreto, Caminhos de criação. Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Edusp, 2017.
- FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto em Quatro Tempos*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2019.
- GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética*. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. 335 p.

MAINARDI, Carla. *Revista de Antropologia da UFSCar*, v. 9 n. 2, p. 73-86, jul.-dez. 2017. Disponível em: http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2017/12/04_Camila_Mainardi.pdf. Acesso em fev. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Enunciação, escritor, sociedade. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A vontade de poder*. Tradução de Marcos Sinésio P. Fernandes e Francisco José D. de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Ecce homo*. Como alguém se torna o que é. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 2ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A gaia ciência*. Tradução Márcio Pugliesi; Edson Bini; Norberto de Paula Lima. 3ª. ed. São Paulo: Ediouro, s/d.

PASSOS, Cleusa. Um olhar crítico sobre o conto. *Literatura e Sociedade*, v. 23, n. 26, p. 37-55, dezembro 2018.

SAES, Guillaume Azevedo Marques de. *A república e a espada: a primeira década republicana e o florianismo*. 2005. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Pós-Graduação do Departamento de História, FFCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SANDANELLO, Franco Baptista. *Domício da Gama e o impressionismo literário no Brasil*. São Luís: EDUFMA, 2017.

STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia*. Raça, gênero e nação na América Latina. Tradução: Paula M. Garchet. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.